

1-2013

Procuro o meu Deus

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Tavares, A. (2013). Procuro o meu Deus. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol21/iss21/17>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

3 - Procuo o meu Deus

«O meu coração pressente os teus dizeres: “Procurai a minha face!” É a tua face, Senhor, que eu procuro; não escondais de mim o vosso rosto» (Sl 27,8).

O Senhor Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança. E ao criá-lo assim, inscreveu no seu coração a nostalgia de Deus. Do íntimo mais íntimo do ser humano brota o desejo, a sede de Deus, que tão belamente expressa o crente que compôs o Salmo 63: «Vós, Senhor, sois o meu Deus, anseio por Vós. A minha alma está sedenta de Vós, numa terra árida, exausta, sem água. Desejo contemplar-vos no santuário, para ver o vosso poder e a vossa glória» (Sl 63,2-3).

É verdade que é Deus que toma a iniciativa de vir ao encontro do ser humano, e que este, não poucas vezes, se afasta e tenta esconder-se de Deus. Mas é igualmente verdade que, desde os alvares da sua existência, o ser humano se fez peregrino de Deus, não encontrando no mundo nem em si mesmo nada que possa saciar a sede de vida e de amor que o habita. Esta sede e esta busca de Deus foi experimentada de modo intenso por S. Agostinho, que, depois de procurar por mil e um atalhos resposta para a sua sede de infinito e de verdade, se encontrou com Jesus Cristo, «o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6). Após este encontro com o Senhor, S. Agostinho rezou emocionado: «Criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Vós».

Na experiência de fé de Cláudio Francisco sobressai a sua admiração pela paciência persistente com Deus, na sua infinita bondade e misericórdia o procurou cativar, não obstante toda a sua tentativa de fuga dele:

«Quis verdadeiramente retirar-me do convívio do mundo para passar oito dias na solidão. Nada me obrigou a fazer este pequeno sacrifício ao Senhor. Podia ter desperdiçado, como tantas vezes fiz até aqui, estes momentos que quero dedicar, neste santo lugar, à minha conversão e à minha salvação. Devo reconhecer, neste louvável propósito, a graça que me iluminou na minha cegueira. Se não tivesse recebido este chamamento, teria, por isso, o direito de não voltar para Deus? Não rejeitei já tantas graças suas, às quais não quis abrir a porta do meu coração? E não fez o Senhor por mim mais do que devia, visto que nada podia exigir dele, e Ele, contudo, me socorreu frequentemente no perigo, como se a isso fosse obrigado?»

Como o próprio Cláudio reconhece, Deus buscou-o, perseguiu-o incansável e amorosamente. E ele mostra-se, enfim, disposto a voltar para Deus. A sede de Deus que sempre habitou o seu coração leva-o agora a buscar Deus, que primeiro o amou e procurou:

«Agora, Senhor, que venho procurar-vos e estou disposto a

seguir todas as santas ordens da vossa divina Providência, descei ao coração em que desde há muito, desejais entrar».

No seu regresso a Deus, Cláudio Francisco dá-se conta do sem sentido do pecado, que aparta o coração de Deus. E vê-se como ovelha que busca o seu Pastor:

«Eis-me persuadido, meu Deus, do horror do pecado. Como sou feliz em reconhecer a sua enormidade e quantos milhões de graças vos hei-de dar por mo terdes feito ver com olhos que, embora estivessem realmente abertos, não viam. Mas que desgraçado sou também por não ter querido deixar-me iluminar antes, e por tantas vezes ter recusado deixar-me convencer daquilo que no mundo mais precisava de crer. É tarde, meu Deus, para regressar dos meus desvarios, porque me conservaram tanto tempo vosso inimigo. Mas Vós sois o Pai das misericórdias, recebeis no seio de Abraão as ovelhas que buscam o pastor que perderam».

O ser humano procura nos caminhos tortuosos da vida encontrar-se com Deus. Mais ainda. Deseja ver Deus cara a cara. Deste desejo de permanecer na presença do Senhor Deus, dá testemunho a oração do salmista, que reza: «É a tua face que eu procuro, Senhor» (Sl 27,8).

Quando o coração humano é tocado pelo amor de Deus, cresce nele o desejo de estar na presença dele, como um amigo diante de um amigo, e de viver em íntima união com Ele. Deste desejo dá testemunho Cláudio Francisco nas Reflexões sobre o Passado:

«Passava tempos consideráveis diante do Santíssimo Sacramento. Rezava a maior parte do dia, mesmo quando andava pelas ruas, e ficava inquieto quando me apercebia que tinha perdido, por uns instantes, a presença daquele que queria amar unicamente».

Esta sede de Deus transparece de modo particular nas ânsias que Cláudio Francisco sentia de comungar Jesus Eucaristia:

«Experimentava [as bênçãos de Deus] visivelmente na santa impaciência que sentia em aproximar-me do Santíssimo Sacramento do altar. Embora tivesse a honra de comungar frequentemente, não o fazia tanto como desejava. Ansiava este pão sagrado com tal avidez que, logo que o comia, não podia muitas vezes reter torrentes de lágrimas».

Sabemos já como o jovem Fundador atravessou um momento de crise espiritual. Nessa altura, constatou, uma vez mais, a grande misericórdia com que Deus tinha procurado mantê-lo unido a si. E de novo brotou no seu coração o desejo de voltar para a casa do Pai:

«Cheio desta santa confiança – [advinda do reconhecimento da misericordiosa Providência divina] –, com a graça de Deus, vou examinar qual é o caminho mais curto, sem ter em conta, doravante, o mais agradável à natureza, para regressar àquele sem o qual, faça o que fizer, não posso viver um momento em paz»!